



Frequências da Memória

O rádio e a cidade de Porto Nacional (1968–2002)

Marcelo Alessandro Honorato de Souza

Jocyleia Santana dos Santos





Frequências da Memória

O rádio e a cidade de Porto Nacional (1968–2002)

Marcelo Alessandro Honorato de Souza
Jocyleia Santana dos Santos



FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

MARCELO ALESSANDRO HONORATO DE SOUZA
JOCYLEIA SANTANA DOS SANTOS

**FREQUÊNCIAS DA MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE
PORTO NACIONAL (1968-2002)**

VOLUME ÚNICO

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

MARCELO ALESSANDRO HONORATO DE SOUZA
JOCYLEIA SANTANA DOS SANTOS

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

1^a Edição
Volume Único
PALMAS
2025

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Universidade Federal do Tocantins
Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor
Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora
Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças
(PROAD)
Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento
(PROAP)
Eduardo Andrea Lemos Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
(PROEST)
Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e
Assuntos Comunitários (PROEX)
Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento
de Pessoas
(PROGEDEP)
Michelle Matilde Semiguem Lima Trombi
Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)
Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
(PROPESQ)
Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação
(PROTIC)
Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial
Presidente
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>



<http://www.abeu.org.br>

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Capa: Autores

Revisão Linguística: Autores

Diagramação: Ana Luiza Lopes Costa

Revisão Técnica: Autores

Doi 10.20873//_eduft_2025_34

Ficha catalográfica

Copyright © 2025 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Bloco IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Attribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins (SISBIB)

S729f Souza, Marcelo Alessandro Honorato de .
Frequências da memória: o rádio e a cidade de Porto Nacional(1968-2002). Marcelo Alessandro Honorato de Souza; Jocyleia Santana dos Santos. – Palmas, TO: Eduuft, 2025.
73p.

Editora da Universidade Federal do Tocantins (Eduuft). Acesso em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora>.
ISBN: 978-65-6390-173-5.

1. Rádio. 2. Memória coletiva. 3. Porto Nacional (TO). 4. História da comunicação. I. Souza, Marcelo Alessandro Honorato de. II. Santos, Jocyleia Santana dos. III. Título.

CDD 384.54

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.

Agradecimentos

A Deus, Trindade Santa — Pai, Filho e Espírito Santo — por ter me conduzido nesta jornada, iluminando meus passos com graça e esperança. À Nossa Senhora Aparecida, pela intercessão e força espiritual que me sustentaram durante todo o mestrado.

À minha mãe, Dona Luzinete Guardião de Souza, por ser mais que mãe: conselheira, crítica literária, ouvinte fiel e farol em tempos de escuridão. Suas orações, leituras e sugestões ecoam em cada linha deste trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Jocyléia Santana dos Santos, por ser inspiração, guia e amiga. Por ter acreditado em meu potencial, por seus ensinamentos e por me apresentar o desafio que se tornou este livro.

Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, que garantiu o tempo e os recursos necessários à realização da pesquisa.

Aos professores do PPGE/UFT, aos colegas do Grupo de Pesquisa História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação – HHFPE/CNPq, e a todos que, de alguma forma, participaram dessa caminhada com palavras, gestos, escutas e silêncios.

Aos radialistas, locutores, ouvintes e protagonistas da história do rádio portuense — esta obra é também de vocês.

Apresentação

Sintonizar a memória é um gesto delicado: exige escuta. E é justamente essa escuta — atenta, afetiva, comprometida — que move as páginas deste livro. *Frequências da Memória: o rádio e a cidade de Porto Nacional (1968-2002)* não é apenas um estudo sobre radiodifusão. É uma travessia sonora por tempos e afetos que moldaram uma cidade. É a narrativa de uma Porto Nacional que aprendeu a se conhecer pela voz.

Esta obra, escrita por Marcelo Alessandro Honorato de Souza e Jocyléia Santana dos Santos, pulsa entre o rigor da pesquisa e o calor da lembrança. O que aqui se apresenta é fruto de uma escuta prolongada: de locutores, de ouvintes, de documentos, de arquivos, de silêncios. A história do rádio em Porto Nacional é contada como ela sempre existiu: com ritmo, emoção e presença.

O título *Frequências da Memória* não é casual. Cada memória captada aqui vibra em sua própria sintonia: uma carta lida ao vivo, um boletim escolar transmitido ao meio-dia, um jingle de farmácia, uma oração ecoando no sertão. O rádio, mais do que um meio, é um território invisível onde se encontram o vivido, o lembrado e o sonhado. Uma tecnologia do afeto, como os autores tão bem demonstram.

Dividido em cinco partes, o livro costura diferentes camadas da experiência radiofônica: o encantamento infantil que revela a vocação do autor; a trajetória da radiodifusão no Brasil e no norte goiano; a construção das emissoras e das vozes locais em Porto Nacional; e, por fim, a valorização do rádio como patrimônio imaterial. Em cada parte, uma frequência distinta da memória coletiva.

Não por acaso, este projeto conta com a coautoria da professora Jocyléia Santana dos Santos, cuja trajetória acadêmica tem sido decisiva na

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

valorização da comunicação como campo educativo e histórico. Sua obra A sedução da imagem: a televisão no limiar do Tocantins mostrou como a TV moldou o imaginário de um estado recém-criado. Agora, neste livro, ela nos ajuda a perceber que o rádio, precursor da televisão, já ensinava a ver antes mesmo das imagens chegarem.

O rádio formou ouvintes, organizou cotidianos, alfabetizou sensibilidades. Nas décadas de 1960 a 2000, foi ele quem ajudou o Tocantins a se pensar como região. As rádios AM e FM de Porto Nacional ensinaram o povo a se ouvir, a se narrar, a se reconhecer. Elas plantaram o sonho de uma geração que ainda sabia esperar o tempo da fala.

Este livro é, portanto, mais que reconstituição histórica: é um convite à escuta. Escutar a cidade, suas vozes, suas pausas. Escutar o rádio como se escuta um amigo antigo. Porque é ali — na conversa, no jingle, na oração, na vinheta, no improviso — que mora a memória viva de uma comunidade.

Frequências da Memória não quer apenas contar o passado. Ele quer garantir que essas vozes não se apaguem. Que seus ecos continuem a atravessar o tempo, como ondas que não cessam. Em tempos de silêncios forçados e ruídos excessivos, escutar o rádio é um ato de resistência. E escrever sobre ele, um gesto de amor.

É com emoção e respeito que acolho esta obra, que desde já se firma como contribuição relevante aos estudos da comunicação, da história oral, da memória e da educação na Amazônia Legal. Que ela inspire novas escutas, novas pesquisas e novas formas de fazer da palavra partilhada um bem comum.

Jocyelma Santana Guilhardi
Jornalista, pioneira na TV Anhanguera-Globo
Advogada e Mestre em Educação pela UFG

**FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)**

Sumário

Parte I – Memórias em sintonia: entre a infância e a paixão pelo rádio	10
Capítulo 1 – O menino e o radinho de pilha	11
Capítulo 2 – Vozes que formam: escola, fé e comunidade	14
Parte II – Ecos da formação: docência, rádio e identidade	17
Capítulo 3 – Quando o microfone encontra a lousa	18
Capítulo 4 – Entre ondas e vozes: a construção da identidade radiofônica	21
Parte III – A história nas ondas: o rádio no Brasil, em Goiás e no Tocantins	25
Capítulo 5 – Da Rádio Sociedade ao Sertão: o Brasil sintonizado	26
Capítulo 6 – Vozes do Brasil Central: o rádio em Goiás e no antigo norte goiano	29
Parte IV – Porto Nacional em Frequência Modulada	31
Capítulo 7 – A primeira emissora: o nascimento do rádio portuense (1968-1970)	32
Capítulo 8 – Rádios livres e microfones abertos: participação popular e identidade local (1980-1988)	36
Parte V – Vozes, legados e futuros	40
Capítulo 9 – Vozes da cidade: perfis e narrativas de quem fez o rádio em Porto Nacional	41
Capítulo 10 – Entre ondas e afetos: o rádio como patrimônio imaterial	46
Epílogo – Quando a cidade fala, a memória responde	50
Referências	52
Apêndice	55
Sobre os organizadores	72

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

**PARTE I – MEMÓRIAS EM SINTONIA:
ENTRE A INFÂNCIA E A PAIXÃO PELO RÁDIO**

CAPÍTULO 1 - O MENINO E O RADINHO DE PILHA

Nasci no sertão potiguar, na cidade de Mossoró, berço de histórias de resistência, como o episódio lendário em que seus moradores enfrentaram o bando de Lampião. Na manhã de 25 de fevereiro de 1983, fui acolhido pela vida no Hospital Santa Luzia. Embora tenha sido esse o ponto de partida biológico da minha existência, foi em outras paisagens que minha história se fez chão e voz.

Minha infância foi marcada por mudanças constantes. Passei por Brasília, Goiânia, Paraíso do Goiás, até que minha família encontrou em Porto Nacional um lugar para chamar de lar. Ali, no antigo norte goiano que viria a se tornar Tocantins, as raízes começaram a se firmar. Meu pai, vendedor viajante de marcas famosas como Coca-Cola e Pepsi, decidiu fincar residência ao ouvir rumores da criação de um novo estado. Porto Nacional poderia se tornar capital.

Foi neste contexto que conheci o rádio. Ainda sem energia elétrica em casa, o aparelho de pilha tornou-se nosso elo com o mundo. Sua presença era constante na sala e na cozinha. A programação da Rádio Nacional de Brasília preenchia nossas manhãs e tardes. Havia algo de mágico naquela voz que parecia sair de lugar nenhum e, ao mesmo tempo, estar em todos os lugares. Era companhia, era narração da vida.

A primeira grande paixão que me lembro não foi por brinquedos ou super-heróis da TV, mas pela voz de Tia Leninha. Seu programa infantil, transmitido ao meio-dia, misturava músicas, histórias e mensagens que encantavam e educavam. Sentávamo-nos em volta do rádio como quem participava de um rito. Era nesse momento que a comunicação se tornava afeto, e o som virava memória.

O rádio era, para mim, muito mais do que um objeto tecnológico. Era um mediador entre o cotidiano e o imaginário. Com ele, aprendi a ouvir o outro,

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

a interpretar silêncios e ruídos, a esperar o momento exato do anúncio ou da música preferida. O tempo passava diferente quando sintonizado. O rádio não falava apenas: ele nos escutava com a alma.

Minha primeira visita a um estúdio de rádio foi uma epifania. Meu irmão Suêldo, após me buscar na escola, me levou à sede da Rádio Anhanguera AM. Eu devia ter uns sete anos. Dali, observei um locutor em ação, transmitindo ao vivo. O profissional, ao me ver na janela do estúdio, acenou e falou meu nome no ar. Era como se a mágica ganhasse rosto. Aquele momento cravou-se em minha memória como o instante em que o sonho começou a tomar forma.

Aos poucos, passei a identificar os nomes das emissoras, a voz dos locutores, a linguagem dos programas. Repetia jingles, imitava locuções e inventava programas fictícios com um microfone improvisado. Enquanto outras crianças brincavam de futebol, eu brincava de rádio. A fantasia de comunicar era, para mim, tão concreta quanto a realidade.

Nos anos seguintes, o rádio se fez ainda mais presente quando nos mudamos para o bairro Nova Capital, em Porto Nacional. Nossa casa ficava em frente à torre da Rádio Imperial FM. Ver aquela estrutura imponente, diariamente, acendia ainda mais minha curiosidade. Queria entender como um som podia atravessar o ar e chegar aos ouvidos de tanta gente. Queria decifrar os segredos do estúdio, as teclas do mixer, o mistério do eco perfeito.

Não demorou muito para que eu passasse a visitar a rádio quase todos os dias. Com o tempo, conquistei a confiança dos locutores, que me deixavam observar suas rotinas. Aprendi a operar fitas K7, a encaixar vinhetas, a montar pequenas programações. Era como estar diante do tabernáculo da comunicação, absorvendo cada gesto, cada silêncio, cada fala.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

O menino que começou ouvindo rádio à pilha agora participava da engrenagem que tanto o fascinava. A semente estava plantada. O som do rádio havia atravessado a infância e começava a transformar-se em destino. Aquilo que fora, um dia, encantamento, ganhava forma de vocação.

CAPÍTULO 2 – VOZES QUE FORMAM: ESCOLA, FÉ E COMUNIDADE

A escola foi o outro grande pilar de minha formação. Aos cinco anos, fui matriculado na Escola “O Pequeno Príncipe”, em Porto Nacional. Era 1989. A professora Gislaine, carinhosamente chamada de “tia”, recebeu-me com ternura e firmeza. Suas palavras tinham a mesma magia das locutoras da rádio: envolviam, ensinavam, acolhiam. Aprendi a ler, escrever e, principalmente, a gostar do saber.

Naquele espaço escolar, entre cadernos de caligrafia e músicas infantis, percebi que aprender era um ato de encantamento. As atividades de pontilhado, as tarefas levadas para casa, os trabalhos com letras cursivas: tudo era vivido com entusiasmo. E havia minha mãe, sempre ao lado, ajudando-me nas lições, vibrando com cada nova palavra escrita com capricho.

O ambiente escolar tornou-se o palco das primeiras descobertas intelectuais e do despertar da responsabilidade. A transição para a escola pública, após o primeiro ano, trouxe desafios: menos recursos, colegas mais agitados e estruturas precárias. Mas isso apenas reforçou minha determinação. Continuei sendo aluno aplicado, disciplinado, curioso. A leitura virou hábito. A biblioteca, refúgio.

Durante o ensino fundamental, desenvolvi gosto especial por História e Língua Portuguesa. Escrevia pequenas narrativas, poemas, crônicas. Descobria autores e autoras com voracidade. Lia jornais, revistas, livros de literatura. A cada leitura, era como se minha voz interior ganhasse mais corpo, mais consciência. Aquilo que o rádio despertava em mim, a escola ajudava a nomear.

Na adolescência, já era visto como referência entre os colegas. Montava grupos de estudo em casa, ajudava os que tinham dificuldades, explicava

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

conteúdos. Era aluno e educador ao mesmo tempo. As tardes, antes dedicadas ao recreio, transformaram-se em momentos de partilha e solidariedade. Minha casa se tornava uma extensão da escola.

Essa trajetória escolar foi acompanhada por uma fé profunda. A religião, presente desde a infância, moldou valores como empatia, escuta e partilha. Em determinado momento, inclusive, vivi uma experiência vocacional no seminário da Diocese de Porto Nacional. Ali, pude experimentar outra forma de comunicação: o silêncio contemplativo, a escuta atenta da vida e do outro.

Decidi não seguir a vida sacerdotal, mas a experiência me transformou. A fé passou a ser um fundamento para minha atuação profissional. Mais do que uma crença, era um modo de estar no mundo. Estar com o outro, escutar, partilhar, educar: tudo isso ganhava sentido tanto na igreja quanto na escola, no rádio ou na sala de aula.

Ao concluir o ensino médio, já não havia dúvida: a docência era minha vocação. Meu interesse por Direito, incentivado pelo meu pai, cedeu lugar à certeza de que educar era meu caminho. Entrei no curso de Pedagogia e, desde o início, mergulhei nas teorias, nos estágios, nas práticas educativas. Mais do que buscar um diploma, buscava sentido.

As dificuldades financeiras não foram obstáculos intransponíveis. Enfrentei-as com trabalho e criatividade. Vendi bombons para pagar a faculdade. Recebi apoio da minha mãe, que continuava sendo meu alicerce. As noites de estudo se somavam às manhãs de trabalho e aos fins de semana de reflexão. Havia cansaço, mas havia propósito.

O ambiente universitário foi também onde comecei a articular o que antes vivia de forma fragmentada. A educação, a comunicação e a espiritualidade passaram a ser compreendidas como dimensões integradas

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

de uma mesma missão: formar pessoas. Não apenas transmitir conteúdos, mas formar consciências, abrir horizontes.

Ali, comecei a compreender que cada palavra tem peso, cada gesto comunica, cada silêncio ensina. E que o rádio, a escola e a fé eram, na verdade, formas diferentes de um mesmo chamado: o de fazer com que a vida de cada um pudesse encontrar ressonância na vida dos outros.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

**PARTE II – ECOS DA FORMAÇÃO:
DOCÊNCIA, RÁDIO E IDENTIDADE**

CAPÍTULO 3 – QUANDO O MICROFONE ENCONTRA A LOUSA

A formação universitária em Pedagogia, concluída com esforço e dedicação em 2009, abriu caminhos inesperados. Mal imaginava que, poucos anos depois, retornaria à mesma instituição, agora como professor. O convite veio em 2011, da direção da Faculdade São Marcos – FASAMAR, para ministrar a disciplina de Ensino e Pesquisa. Era o início de um novo ciclo: a transição do estudante para o educador.

Durante os anos seguintes, mergulhei com entusiasmo na docência do ensino superior. Desenvolvi dezenas de projetos de extensão e intervenção, orientei acadêmicos nos estágios supervisionados, organizei eventos culturais e atuei como coordenador de curso. Entre as ações mais marcantes, destaco a criação de bibliotecas escolares em zonas rurais, atividades pedagógicas com reeducandos da Casa de Prisão Provisória e ações de valorização da cultura local em Porto Nacional.

Essas experiências reafirmaram minha convicção: ensinar era minha vocação. E mais do que isso, era também um compromisso ético com a transformação social. Mas algo me inquietava. Queria mais do que aplicar saberes. Queria compreender a fundo os processos que formam sujeitos e constroem memórias. Foi aí que amadureceu o desejo de ingressar no mestrado.

Foram várias tentativas até a aprovação. O sonho de cursar o Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) nasceu em 2011, mas só se concretizou em 2020. Nesse intervalo, participei como aluno especial de algumas disciplinas e me preparei com afinco. Fiz leituras, fichamentos, planejei o projeto de pesquisa. E mesmo enfrentando um grave acidente em 2019, com sequelas físicas e emocionais, não desisti.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Aprovado em primeiro lugar no processo seletivo da turma 2020/2, vivi a conquista com emoção. Era mais do que um resultado: era o reconhecimento de um percurso marcado por esforço e persistência. O mestrado me permitiu viver uma nova etapa de formação, agora como pesquisador. Iniciei minha trajetória acadêmica na Linha de Pesquisa Estado, Sociedade e Práticas Educativas, junto ao Grupo de Pesquisa História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação (HHFPE/CNPq).

Sob a orientação da Professora Doutora Jocyleia Santana dos Santos, encontrei uma mentora rigorosa, sensível e inspiradora. Seu trabalho com história oral, memória e práticas educativas me abriu novas perspectivas metodológicas e epistemológicas. Foi ela quem, na primeira aula da disciplina História, Memória e Educação, em setembro de 2020, sugeriu que eu pesquisasse a história do rádio em Porto Nacional.

Essa sugestão não apenas se alinhava com minhas memórias de infância e trajetória profissional, como também me instigava a resgatar uma parte da história local pouco documentada. Nascia ali o projeto Sintonizando o rádio em Porto Nacional (1968-2002), uma investigação que articula memória, identidade e práticas comunicacionais.

A bolsa da CAPES foi essencial para que essa pesquisa se concretizasse. Garantiu tempo, estabilidade e condições para me dedicar integralmente à investigação. A valorização da ciência, da educação pública e da pesquisa brasileira passa, incontestavelmente, pelo fortalecimento dessas políticas de fomento. Sou imensamente grato por ter sido beneficiado por esse apoio, tão fundamental para estudantes em diferentes realidades do país.

Durante o mestrado, aprofundei minha formação teórica, aprendi técnicas de entrevista com história oral, mergulhei em arquivos e acervos esquecidos, reencontrei colegas e professores que marcaram minha trajetória. Mas, acima de tudo, reencontrei a mim mesmo, resgatando as vozes que, um dia, ecoaram no rádinho de pilha da minha infância.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Agradeço à Professora Jocyleia não apenas pela orientação técnica, mas pela confiança, pela escuta atenta e pelo exemplo de pesquisadora comprometida com as histórias esquecidas. A cada sugestão, a cada provocação, ela me instigava a ir além do óbvio, a compreender o sentido profundo do que estava pesquisando. Foi ela quem me ensinou que ouvir é também um ato político.

A conclusão do mestrado, em 2023, não foi o fim de um ciclo, mas o início de outro. Ao escrever esta obra, transformou a dissertação em um gesto de devolução: às rádios, aos ouvintes, aos locutores, aos moradores de Porto Nacional. Este livro é também uma homenagem à cidade que me acolheu e me formou, às ondas sonoras que embalaram meus sonhos e à educação pública, que me possibilitou ser quem sou.

CAPÍTULO 4 – ENTRE ONDAS E VOZES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RADIOFÔNICA

A paixão pelo rádio, cultivada desde os primeiros anos, encontrou na juventude espaço para florescer. O menino que outrora visitava estúdios com olhos curiosos e ouvidos atentos tornou-se, ainda muito jovem, um comunicador. Em março de 2001, recebi o convite de Elvanir Matos Gomes, conhecida como “Quininha”, para participar de um programa religioso na recém-fundada Rádio Porto Real FM. Aquela oportunidade marcaria o início da minha trajetória profissional na radiodifusão comunitária.

Logo após minha participação inicial, fui convidado a assumir o comando do programa. A confiança de Quininha e da direção da emissora era um reconhecimento silencioso de algo que, até então, era apenas um sonho infantil. Comecei ali a experimentar o outro lado do microfone – não mais como ouvinte apaixonado, mas como mediador de vozes, condutor de palavras, produtor de sentidos.

Durante quase duas décadas, atuei como apresentador, produtor, diretor artístico e coordenador de programação. Comuniquei-me com os mais diversos públicos, conduzi programas de evangelização, entrevistas, entretenimento, músicas e debates comunitários. O programa "Fica Senhor Comigo", por exemplo, permaneceu no ar por dez anos consecutivos, às 18h, alcançando grande audiência entre os moradores da cidade.

O rádio, ao longo desses anos, foi mais do que profissão. Foi um espaço de escuta, de presença, de vínculo com a comunidade. Através dele, recebi cartas, recados, telefonemas, testemunhos e afeto. O locutor é, em essência, um mensageiro que não apenas fala, mas traduz os sentimentos de um povo. Em cada saudação, em cada música solicitada, havia um gesto de reconhecimento mútuo.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Essa vivência intensa com o rádio me ensinou muito sobre tempo, ritmo, improviso e escuta ativa. Aprendi a calibrar minha voz conforme o público, a reconhecer o peso de cada palavra e a importância do silêncio. Com o tempo, percebi que essa escuta atenta era também um exercício de alteridade. Era preciso, antes de tudo, estar disponível para ouvir o outro em sua singularidade.

Ao mesmo tempo, minha atuação no rádio influenciava diretamente minha prática docente. Em sala de aula, eu usava estratégias comunicativas aprendidas nas transmissões. As leituras em voz alta, a entonação adequada, a criação de metáforas, o uso do humor e da emoção: tudo isso fazia parte do repertório adquirido nos estúdios e aplicado nos espaços escolares e universitários.

A formação de minha identidade profissional aconteceu, assim, entre a lousa e o microfone. A docência me dava base teórica e ética; o rádio me dava sensibilidade comunicacional e alcance social. Era como se ambas as dimensões dialogassem e se retroalimentassem constantemente, construindo uma identidade múltipla, mas coerente.

Não foram poucos os desafios enfrentados nesse percurso. O trabalho voluntário em rádios comunitárias exigia dedicação sem garantias financeiras. As limitações técnicas, a censura velada, os conflitos entre interesses locais: tudo isso fazia parte do cotidiano. No entanto, nada disso apagava a certeza de que a comunicação comunitária era um instrumento de cidadania e resistência.

A realização do mestrado veio, portanto, como uma síntese dessas experiências. A proposta de pesquisar a história do rádio em Porto Nacional não foi apenas um retorno às origens. Foi um ato de valorização da memória coletiva, de escuta das vozes marginalizadas pela história oficial, de reconhecimento da importância do rádio como patrimônio imaterial da cidade.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Entre ondas e vozes, construí minha trajetória. Entre a escuta do outro e a busca por minha própria voz, encontrei sentido. Este livro é fruto dessa jornada. É também um convite para que outras histórias, igualmente vibrantes e silenciadas, possam ser contadas, sintonizadas e preservadas. Porque, no fim das contas, somos todos feitos de memória, palavra e som.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

**PARTE III – A HISTÓRIA NAS ONDAS:
O RÁDIO NO BRASIL, EM GOIÁS E NO TOCANTINS**

CAPÍTULO 5 - DA RÁDIO SOCIEDADE AO SERTÃO: O BRASIL SINTONIZADO

A história do rádio no Brasil se confunde com a própria trajetória da comunicação moderna no país. Desde a primeira transmissão radiofônica, realizada em 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do centenário da Independência, o rádio tornou-se uma ferramenta poderosa de alcance popular. O discurso do então presidente Epitácio Pessoa, transmitido da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, marcava o início simbólico de um novo ciclo: a era do som público.

A fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgar Roquette-Pinto e Henry Morize, consolidou essa fase inaugural. Com objetivos educativos e científicos, o rádio foi inicialmente idealizado como uma extensão da escola. Pretendia-se levar o saber às massas, numa época em que a educação formal era restrita às elites urbanas. A proposta era ousada: democratizar o conhecimento por meio da oralidade técnica e disciplinada.

Contudo, o rádio não tardou a escapar dos limites científicos e institucionais. Já nos anos 1930, ele ganhava os lares e os mercados com uma linguagem mais acessível, mais próxima da fala popular. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder foi decisiva nesse processo. Percebendo o potencial do rádio como instrumento de unificação nacional, o governo passou a investir em sua massificação e controle. Assim, o rádio tornava-se não apenas um veículo, mas também um símbolo do Estado Novo.

A criação da Rádio Nacional, em 1936, foi um marco na história da comunicação brasileira. Com uma programação variada – que incluía música, humor, jornalismo, radionovelas e campanhas educativas – a emissora rapidamente se tornou a preferida do público. O modelo se espalhou pelas principais capitais do país, fazendo do rádio o grande palco sonoro da cultura nacional.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Durante a década de 1940, o rádio atingiu seu auge. A Segunda Guerra Mundial contribuiu para intensificar seu uso como meio de informação. Milhares de brasileiros escutavam os boletins de guerra, as campanhas de alistamento e os discursos políticos por meio de seus aparelhos a válvula. O rádio não apenas entretinha, como também formava opinião, educava e promovia valores cívicos.

O caráter educativo do rádio se institucionalizou com a criação da Rádio MEC. Vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, a emissora difundia conteúdos de alfabetização, literatura, ciência e música erudita. Era a tentativa do Estado de manter o rádio dentro de um projeto nacional pedagógico. Em paralelo, surgiam programas religiosos, voltados à catequese popular, como os do Movimento de Educação de Base (MEB), vinculado à Igreja Católica.

Nos anos 1950 e 1960, o rádio passou a disputar espaço com a televisão, mas manteve-se como meio dominante em muitas regiões. Sua facilidade de acesso e seu baixo custo fizeram dele o principal canal de informação em áreas rurais e periféricas. Com um simples radinho de pilha, milhares de brasileiros se conectavam às notícias, às músicas e às histórias que moldavam o imaginário coletivo.

Durante a ditadura militar, o rádio foi duplamente instrumentalizado. Ao mesmo tempo em que se tornou veículo da propaganda oficial, com severa censura aos conteúdos críticos, também se converteu em espaço de resistência simbólica. Locutores usavam a linguagem figurada, os programas humorísticos e as expressões populares para escapar do controle direto dos censores.

Com a expansão das emissoras FM nos anos 1980 e a popularização dos programas segmentados, o rádio ganhou novos públicos. Jovens, mulheres, trabalhadores urbanos – cada grupo encontrava agora uma programação direcionada às suas demandas culturais e sociais. Essa segmentação

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

contribuiu para a renovação do meio, que aprendeu a dialogar com as mudanças do tempo.

Mesmo no século XXI, o rádio continua pulsando. Em muitas regiões do Brasil profundo, aonde a internet não chegou ou é precária, ele segue sendo o principal canal de comunicação. Sua força reside na oralidade, na proximidade com o ouvinte, na credibilidade construída ao longo de gerações. O rádio brasileiro, mais do que um meio técnico, é parte do tecido cultural do país.

CAPÍTULO 6 – VOZES DO BRASIL CENTRAL: O RÁDIO EM GOIÁS E NO ANTIGO NORTE GOIANO

O Centro-Oeste brasileiro, por sua localização estratégica e sua história de interiorização tardia, vivenciou a chegada do rádio como um divisor de águas. Em Goiás, as primeiras emissoras surgiram ainda nos anos 1940, especialmente nas cidades de Goiânia, Anápolis, Rio Verde e Catalão. Essas rádios, inicialmente vinculadas a instituições religiosas e educacionais, tinham a missão de educar, informar e evangelizar.

Com a fundação de Goiânia em 1933 e sua consolidação como capital nos anos seguintes, o rádio se fortaleceu como símbolo da modernidade goiana. Programações locais começaram a incluir notícias, missas, aulas radiofônicas e músicas regionais. Essas emissoras não apenas transmitiam conteúdo, mas também criavam coesão entre zonas urbanas e rurais.

No entanto, foi no antigo norte goiano – hoje estado do Tocantins – que o rádio ganhou um papel ainda mais crucial. Ali, em meio a um contexto de isolamento, escassez de escolas e ausência de jornais impressos, o rádio era literalmente a voz do mundo. Ele substituía, com frequência, o papel da escola, da igreja, do cartório e da prefeitura.

As primeiras iniciativas radiofônicas no norte goiano surgiram de forma precária, com caixas de som instaladas em postes, carrocerias de caminhões ou torres improvisadas nas igrejas. As mensagens eram transmitidas ao vivo ou gravadas em fitas cassete. Era comum que um padre, um professor ou um comerciante local assumisse a locução, falando diretamente com a comunidade.

Na década de 1970, algumas cidades começaram a operar rádios com estrutura um pouco mais robusta, embora ainda sem concessão legal. Em Porto Nacional, por exemplo, as primeiras transmissões experimentais ocorriam em ambientes escolares ou casas de apoiadores. Eram vozes

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

locais falando de problemas locais: a cheia do rio, o preço do milho, a chegada de um médico, o falecimento de um morador ilustre.

Essas emissoras foram fundamentais para criar uma consciência regional. O rádio promovia a identidade cultural, difundia as músicas típicas, resgatava histórias e estimulava o orgulho local. Além disso, servia de plataforma política para líderes que, sem espaço na grande imprensa, usavam o microfone para dialogar com seus eleitores.

O rádio no norte goiano também cumpria uma função religiosa essencial. Transmitia novenas, terços, mensagens bíblicas e campanhas de arrecadação. O ouvinte sentia-se acolhido pela fé irradiada por aquela voz familiar. Muitas vezes, o locutor era também agente de pastoral, líder comunitário e educador informal.

Com o processo de criação do estado do Tocantins, em 1988, o rádio passou a ser símbolo de resistência e reexistência. Ele registrava as tensões políticas, os debates sobre a nova capital, as demandas por escolas, estradas e saúde. Era o canal pelo qual a população exigia seus direitos e se colocava como sujeito da nova configuração federativa.

A década de 1990 trouxe a legalização de muitas rádios comunitárias no Tocantins, especialmente após a regulamentação da Lei 9.612/98. Ainda que com limitações de alcance e potência, essas rádios se consolidaram como espaços de democratização da comunicação. Em Porto Nacional, Araguaína, Gurupi e outras cidades, surgiam emissoras que hoje fazem parte da memória coletiva de milhares de tocantinenses.

A história do rádio em Goiás e no antigo norte goiano é, portanto, uma história de mediações. Entre o povo e o poder, entre a cidade e o campo, entre o analfabetismo e a informação, entre a fé e a política, o rádio foi – e continua sendo – uma ponte sonora de pertencimento e transformação.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

**PARTE IV - PORTO NACIONAL EM FREQUÊNCIA
MODULADA**

CAPÍTULO 7 – A PRIMEIRA EMISSORA: O NASCIMENTO DO RÁDIO PORTUENSE (1968-1970)

O ano de 1968 não foi apenas um marco político para o Brasil, com o endurecimento do regime militar e a edição do AI-5. Em Porto Nacional, cidade histórica do então norte goiano, 1968 representou o surgimento de uma nova forma de ver – ou melhor, de ouvir – o mundo. Foi neste ano que as ondas radiofônicas começaram a ecoar oficialmente pela cidade com a inauguração da Rádio Anhanguera AM.

A instalação da emissora foi resultado de articulações entre o Grupo Jaime Câmara, de Goiânia, e lideranças locais que viam no rádio uma forma de inserir Porto Nacional no mapa da modernidade comunicacional. A concessão federal havia sido aprovada em 1967, e no ano seguinte o sinal começou a ser transmitido, inicialmente em caráter experimental. O estúdio funcionava em um prédio simples, no centro da cidade, e os equipamentos eram modestos, mas funcionais.

Mesmo sem estrutura sofisticada, a Rádio Anhanguera causou um grande impacto. Pela primeira vez, a população ouvia notícias locais em tempo real, acompanhava mensagens religiosas, ouvia a voz de seus conterrâneos e, mais importante, sentia-se parte de algo maior. O rádio deixava de ser uma tecnologia distante e se tornava um elo entre as pessoas e o mundo.

A recepção foi calorosa. Famílias se reuniam em torno dos rádios para ouvir os primeiros programas. Muitos compravam seus aparelhos motivados pela novidade. As lojas locais passaram a vender rádios de pilha com maior frequência, e rapidamente o objeto passou a compor o cotidiano doméstico. A cidade, antes habituada ao silêncio das noites e às conversas nas praças, ganhou uma nova trilha sonora.

A programação inicial era diversificada, ainda que limitada pelo tempo de transmissão. Havia blocos noticiosos curtos, leitura de comunicados oficiais,

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

músicas populares – sobretudo sertanejo e MPB – e mensagens religiosas. Os programas matinais abordavam o clima, a colheita, o movimento do comércio. À tarde, entravam no ar as músicas dedicadas e as primeiras entrevistas.

A linguagem era informal, marcada pela oralidade típica da região. Os locutores falavam como o povo, com sotaque forte, expressões populares e espontaneidade. Não havia roteiros rígidos nem treinamento técnico avançado. Era a emoção que conduzia as transmissões. Isso fazia com que os ouvintes se identificassem profundamente com o que ouviam.

O impacto social foi imediato. A rádio começou a receber bilhetes e recados trazidos por crianças, parentes e até passageiros de ônibus. Anúncios de festas, missas, velórios, pedidos de oração e de doações faziam parte do cotidiano. A rádio transformou-se em espaço comunitário, num tempo em que ainda não existiam redes sociais ou telefone fixo para todos.

A figura do locutor tornou-se admirada. Em pouco tempo, nomes como Padre Humberto, Benedito Vieira e Dona Eulina passaram a ser conhecidos por todos. Eram vistos como vozes confiáveis, que transmitiam calma, sabedoria e companhia. Muitos moradores diziam que, mesmo sozinhos em casa, sentiam-se acompanhados pela presença da rádio.

A relação da emissora com a Igreja Católica foi decisiva para sua credibilidade. Em uma cidade onde a religião estruturava a vida social, o rádio passou a atuar como extensão da paróquia. Transmitia novenas, anúncios das celebrações, mensagens do bispo e comentários bíblicos. A fé e a comunicação se fundiam em ondas que uniam o sagrado e o cotidiano.

A rádio também teve um papel educativo importante. Professores começaram a utilizar o espaço para divulgar eventos escolares, realizar campanhas de matrícula e até mesmo transmitir conteúdos educativos em

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

formato radiofônico. Foi o início da “escola pelo rádio”, uma prática que se ampliaria nas décadas seguintes.

Do ponto de vista político, a Rádio Anhanguera se manteve discreta, mas alinhada com o discurso oficial. Em tempos de censura, a emissora optava por conteúdos neutros, evitando críticas ao regime e priorizando temas locais e religiosos. Ainda assim, ela desempenhava um papel importante ao informar a população sobre eleições, campanhas de vacinação e ações do poder público.

A construção de uma identidade sonora local foi um dos maiores legados da emissora. Ao promover artistas da região, valorizar festas populares e registrar as falas dos moradores, a rádio contribuiu para a construção de uma memória coletiva que perdura até hoje. Os sons da cidade começaram a ter uma “voz oficial”, e essa voz vinha do rádio.

Para muitos moradores da zona rural, a Rádio Anhanguera foi a primeira oportunidade de conexão com o mundo urbano. Pelas ondas AM, agricultores e ribeirinhos ouviam mensagens sobre o preço da soja, campanhas da agricultura familiar, ou simplesmente se emocionavam ao ouvir seus nomes em mensagens familiares enviadas por parentes da cidade.

Entre 1968 e 1970, a rádio ainda enfrentava muitos desafios técnicos. A frequência sofria com ruídos, as transmissões eram interrompidas por quedas de energia e a ausência de gravações impedia reapresentações. No entanto, esses obstáculos não apagavam o entusiasmo dos ouvintes nem o esforço da equipe para manter a emissora funcionando.

A cidade, que já era conhecida por sua tradição educacional e religiosa, ganhou agora um novo traço identitário: o de ser referência regional em radiodifusão. Isso influenciaria diretamente a criação de outras emissoras

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

comunitárias e educativas nas décadas seguintes, consolidando Porto Nacional como um polo sonoro do norte goiano.

O trabalho da emissora também fortaleceu os vínculos intergeracionais. Avós, pais e filhos passaram a compartilhar o hábito de ouvir rádio juntos. O aparelho passava de mão em mão, de geração em geração. O rádio se tornava herança afetiva, símbolo de pertencimento e continuidade.

Mesmo com poucos funcionários e uma estrutura enxuta, a Rádio Anhanguera demonstrava que comunicação é, antes de tudo, escuta. Os radialistas escutavam a cidade e, ao mesmo tempo, faziam com que a cidade escutasse a si mesma. Essa circularidade simbólica entre falar e ouvir seria a base de todas as experiências radiofônicas portuenses posteriores.

A rádio também influenciava o comércio local. Pequenos comerciantes começaram a anunciar seus produtos, marcando promoções e liquidando estoques. A voz do locutor ganhava status de confiança. Se ele dizia que a carne estava em promoção no açougue da esquina, era verdade. A credibilidade da rádio se estendia a todos que dela participavam.

Nesse curto, mas intenso período de 1968 a 1970, Porto Nacional vivenciou uma verdadeira revolução cultural silenciosa. O rádio democratizou a informação, promoveu o encontro entre o campo e a cidade, entre a fé e a vida prática, entre a palavra e a escuta. Foi, sem dúvida, o início de um novo tempo.

O nascimento da Rádio Anhanguera AM não foi apenas um evento técnico. Foi um acontecimento cultural, afetivo e político. E permanece até hoje como memória viva de um tempo em que o som passou a ser, definitivamente, parte da alma da cidade.

CAPÍTULO 8 – RÁDIOS LIVRES E MICROFONES ABERTOS: PARTICIPAÇÃO POPULAR E IDENTIDADE LOCAL (1980-1988)

Durante a década de 1980, o Brasil testemunhava a lenta transição de um regime autoritário para a redemocratização. Enquanto nas grandes cidades os movimentos populares se articulavam em greves, passeatas e comitês pela anistia, em lugares como Porto Nacional, a transformação se dava de forma silenciosa, mas potente: por meio do rádio. Era nesse contexto que emergiam as rádios livres, experiências comunitárias e não legalizadas que ecoavam as vozes do povo.

A cidade já contava com a presença marcante da Rádio Anhanguera AM, mas sua programação seguia um modelo mais institucional e, por vezes, distante da linguagem popular. Foi a partir da inquietação de estudantes, professores, líderes comunitários e jovens das periferias que começaram a surgir, de forma espontânea, novas iniciativas de comunicação sonora. Improvisadas, criativas e ousadas, essas rádios foram chamadas de “livres”.

As rádios livres operavam sem concessão oficial, utilizando equipamentos artesanais, adaptados ou doados. Bastava uma antena improvisada, um microfone básico, um toca-fitas e muita vontade de falar – e, sobretudo, de ouvir. Seus estúdios se localizavam em garagens, salões paroquiais, salas de escolas públicas ou até em residências de militantes da comunicação popular.

Mais do que transmitir músicas, essas rádios representavam um projeto político de escuta coletiva. Os microfones abertos davam voz a quem nunca havia falado publicamente: lavradores, donas de casa, estudantes da rede pública, líderes religiosos e representantes de associações de bairro. A cidade se ouvia com suas gírias, suas dores, suas preces e suas denúncias.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Entre os programas mais populares estavam os dedicados à música regional, às mensagens familiares, aos recados comunitários e aos comentários sobre o cotidiano da cidade. Era comum que o programa abrisse com um “bom dia” ao bairro inteiro, listando os aniversariantes, falando da feira livre, mencionando a falta de remédios no hospital e avisando das reuniões das pastorais.

A linguagem utilizada era informal, mas carregada de afetividade. O radialista – muitas vezes um voluntário – se tornava referência e vizinho. Sua voz era reconhecida nas ruas, nos comércios, nos bancos das igrejas. Ele falava como todos, falava com todos, e era escutado como um igual.

As rádios livres também inovaram ao incluir crianças e adolescentes em suas programações. Escolas públicas organizavam pequenos programas educativos com os alunos, que liam poesias, davam dicas de higiene, contavam piadas e liam trechos de livros didáticos. Era uma pedagogia da voz, onde os sujeitos aprendiam a se expressar e a se reconhecer como agentes do próprio saber.

Essas experiências foram fundamentais para democratizar o acesso à informação. Em um período em que jornais impressos eram escassos, a televisão ainda era um privilégio e a internet inexistia, o rádio livre era a principal – e muitas vezes única – fonte de notícias e formação de opinião. Ele aproximava o cidadão das decisões públicas, das campanhas sociais e da vida política local.

É importante destacar que as rádios livres não estavam isentas de tensões. Enfrentavam resistência de setores mais conservadores, que viam na sua espontaneidade uma ameaça à ordem e ao discurso oficial. Também sofriam interferências técnicas, denúncias à polícia e ameaças de apreensão dos equipamentos. Ainda assim, resistiam. Com coragem e criatividade, seguiam no ar.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

A atuação de mulheres foi um diferencial marcante dessas emissoras. Muitas delas assumiam microfones, dirigiam programas e coordenavam as atividades. Falavam sobre saúde da mulher, violência doméstica, alfabetização e trabalho. Eram vozes femininas que desafiavam o patriarcalismo ainda vigente na sociedade portuense, ocupando espaços públicos e construindo uma escuta sensível e solidária.

Nesse período, nomes como Maria Dalva Batista, José Medeiros, Ana Cláudia Ferreira e Padre Lima tornaram-se referência na história das rádios comunitárias em Porto Nacional. Eles articularam redes de colaboração, formaram novos comunicadores e ajudaram a criar uma cultura local de radiodifusão democrática.

O rádio se tornou, portanto, um território de disputas simbólicas. Era nele que se confrontavam as narrativas dominantes e as histórias silenciadas. Ao abrir o microfone para denúncias de falta de merenda, demoras no hospital ou descaso com o transporte público, as rádios livres tornaram-se porta-vozes da cidadania em construção.

Elas também colaboraram para consolidar a identidade cultural da cidade. Promoviam artistas locais, anunciamavam festas populares, registravam cantigas, lendas e causos contados pelos mais velhos. Assim, a memória oral portuense foi preservada em fitas cassetes, rolos de fita magnética e na lembrança dos ouvintes fiéis.

A religiosidade, elemento central da vida local, encontrou no rádio livre um campo de expressão acolhedor. Oração do terço, mensagens de fé, reflexões bíblicas e convites para celebrações eram transmitidos diariamente. Católicos e evangélicos dividiam a programação, com respeito mútuo e espírito comunitário.

Com a proximidade da criação do estado do Tocantins, em 1988, as rádios livres ganharam nova força. Passaram a mobilizar audiências em torno da

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

importância do novo estado, da organização política local e da valorização da cultura tocantinense. Eram emissoras que preparavam simbolicamente a população para um novo tempo.

Esse período também foi fértil em articulações regionais. As rádios livres de Porto Nacional mantinham contato com experiências similares em Gurupi, Araguaína e Palmas. Compartilhavam conteúdos, trocavam gravações, promoviam encontros. Era uma verdadeira rede de comunicação alternativa no norte goiano.

Mesmo operando à margem da legalidade, essas rádios cumpriam funções públicas. Ajudavam no combate a surtos de doenças, convocavam para campanhas de vacinação, orientavam sobre prevenção de acidentes e promoviam ações de solidariedade em casos de enchente ou incêndio. O rádio era serviço, acolhimento e mobilização.

A legislação brasileira ainda não reconhecia oficialmente as rádios comunitárias. Isso só viria com a Lei 9.612/1998. Mas, em Porto Nacional, muito antes dessa conquista legal, a comunidade já havia consagrado suas emissoras como legítimas. Elas faziam parte do cotidiano, moldavam comportamentos e teciam laços de pertencimento.

Em resumo, o período de 1980 a 1988 foi decisivo para a construção da identidade sonora e social de Porto Nacional. As rádios livres ensinaram a cidade a falar, mas, sobretudo, ensinaram a escutar. Escutar as vozes múltiplas que fazem a história. Escutar as ausências, os silêncios e os ruídos da comunidade.

A cidade que antes se reconhecia apenas pelas torres da catedral e pelas barcas no rio, agora se reconhecia também pelo som. Um som que vinha das casas, das escolas, das igrejas e das ruas. Um som que ecoava de forma livre, generosa e profundamente humana. Era o som da vida cotidiana, transmitido em frequência popular.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

PARTE V – VOZES, LEGADOS E FUTUROS

CAPÍTULO 9- VOZES DA CIDADE: PERFIS E NARRATIVAS DE QUEM FEZ O RÁDIO EM PORTO NACIONAL

Porto Nacional guarda em sua memória coletiva as vozes que ecoaram das rádios e marcaram gerações. Cada locutor, técnico ou ouvinte contribuiu com seu timbre, seu estilo e sua paixão pela comunicação. O rádio foi, e ainda é, um palco onde a oralidade ganha vida, sentido e identidade.

Entre os nomes que se destacaram ao longo das décadas está o de Raildo Barros, voz potente e carismática que atravessou rádios livres e emissoras legalizadas. Conhecido por sua improvisação criativa e por seu vínculo com a comunidade, Raildo é lembrado como alguém que fez do microfone uma extensão de sua alma.

Outro nome emblemático é o de Arnaldo Bahia, cuja atuação na Rádio Anhanguera AM trouxe um novo dinamismo para os programas de notícias e entrevistas. Com seu jeito direto e afetuoso, conduzia os debates matinais, aproximando o rádio do cotidiano do cidadão.

Wesley Rocha também merece destaque, principalmente por seu papel na formação técnica de jovens radialistas e sua dedicação à promoção da cultura local. Seus programas, recheados de música popular brasileira e sertaneja, eram espaços de celebração da identidade tocantinense.

A presença feminina também foi marcante. Locutoras como Maria de Lourdes e Nilvane Ribeiro abriram caminho em um ambiente dominado por vozes masculinas. Suas participações em programas de mensagens, religiosos e comunitários mostraram a sensibilidade e a força da mulher na comunicação local. história do rádio em Porto Nacional não pode ser contada apenas por suas datas, equipamentos e formatos. Ela é, sobretudo, uma história de vozes.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

Vozes que atravessaram décadas, emocionaram gerações, informaram a cidade e construíram laços invisíveis de pertencimento. Por trás de cada programa, havia alguém no microfone – e essa presença é o que faz do rádio um meio humano e afetivo.

Os radialistas que atuaram entre os anos 1960 e 2000 deixaram marcas profundas na memória sonora da cidade. Seus estilos, timbres, bordões e posturas constituíram verdadeiras escolas de comunicação. Muitos deles começaram de forma intuitiva, sem formação técnica, mas com sensibilidade e talento inatos. Aprenderam fazendo, errando, improvisando e, sobretudo, escutando.

Benedito Vieira, por exemplo, foi uma das primeiras grandes vozes da Rádio Anhanguera AM. Com fala pausada, tom didático e forte influência religiosa, ele tornou-se referência nos programas matinais. Era conhecido por iniciar suas transmissões com o bordão: “Que a paz esteja contigo, meu irmão portuense!”. Sua voz, para muitos, era o prenúncio do dia.

Padre Humberto, além de sacerdote, foi um comunicador incansável. Utilizava o rádio para evangelizar, educar e conscientizar. Seus programas misturavam oração, catequese, leitura de cartas de ouvintes e reflexões sociais. Seu carisma extrapolava o púlpito e encontrava no microfone um altar ampliado.

José Medeiros, educador e militante da comunicação popular, foi responsável por programas que integravam escola e comunidade. Idealizador de programas com estudantes, levou os alunos da zona rural a se escutarem no rádio, valorizando seus sotaques, suas histórias e seus saberes. Sua atuação foi decisiva para o fortalecimento das rádios livres.

Maria Dalva Batista foi pioneira entre as mulheres no rádio portuense. Atuando nos anos 1980, foi a primeira mulher a conduzir um programa diário de notícias e opinião. Discutia temas como saúde da mulher, violência

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

doméstica e políticas públicas com clareza e firmeza. Abriu portas para outras vozes femininas que viriam depois.

Ana Paula Pereira, no início dos anos 2000, representou a juventude no rádio. Com programas voltados ao público adolescente, discutia temas contemporâneos como cultura digital, relações de gênero, direitos humanos e meio ambiente. Sua linguagem era direta, leve, sem perder a densidade crítica. Foi uma renovação simbólica das vozes da cidade.

Muitos radialistas também acumulavam outras funções: eram professores, padres, comerciantes, agricultores, líderes de bairro. O microfone não era profissão exclusiva, mas extensão de uma militância cotidiana. O rádio os tornava mediadores, pontes entre os mundos que atravessavam.

Além dos nomes mais conhecidos, havia os “anônimos do som”: técnicos, operadores, sonoplastas, mensageiros. Gente como Dona Eulina, que gravava vinhetas caseiras com vozes infantis para programas religiosos, ou Seu João da Oficina, que emprestava sua bateria de carro para ligar o transmissor em dias de falta de energia.

Além dos locutores, é essencial lembrar os técnicos de som, como Antônio dos Anjos, e os operadores de estúdio, como Chico Pereira, que garantiam a qualidade das transmissões mesmo com poucos recursos. Eram os bastidores que tornavam o espetáculo possível.

Os ouvintes, por sua vez, não foram meros receptores. Muitos se tornaram personagens ativos, interagindo com os programas, enviando cartas, recados, participando de concursos e até visitando as rádios. O “rádio de recado” era, para muitos, o principal meio de comunicação com parentes em zonas rurais.

Essas pessoas transformaram o rádio em um organismo vivo. Suas histórias pessoais se entrelaçavam com a história da cidade. Em suas vozes

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

estavam os ecos da cidade antiga, das reformas, das festas, das tragédias e das pequenas alegrias cotidianas.

Os estilos comunicacionais também marcaram época. Houve o locutor declamador, que recitava poesia; o narrador de causos, que lembrava os mais velhos; o animador de auditório radiofônico, que promovia sorteios e cantava ao vivo; e o analista político, que opinava com contundência sobre os rumos da cidade.

O rádio portuense foi escola de improviso, laboratório de linguagem, oficina de criatividade. Os radialistas criavam suas vinhetas, escreviam seus roteiros à mão, faziam suas próprias entrevistas e cuidavam da manutenção dos equipamentos. Era um fazer artesanal, repleto de paixão.

As narrativas que circularam pelo rádio ajudaram a construir uma identidade coletiva. Cada programa era uma crônica sonora da cidade. O falecimento de um líder comunitário, o nascimento de uma criança, a chegada das chuvas, o anúncio de uma festa: tudo passava pela boca do rádio.

Com o tempo, os radialistas tornaram-se guardiões da memória local. Recordavam antigos nomes de ruas, narravam lendas, contavam histórias de famílias tradicionais, davam notícias de quem estava voltando à cidade após anos fora. O rádio era ponte entre gerações.

Os ouvintes também faziam parte dessa construção. Ligavam, escreviam bilhetes, mandavam recados com os filhos. Era comum que aniversários fossem comemorados ao som do rádio, que desabafos fossem feitos ao vivo, que conselhos de vida fossem solicitados aos locutores.

A afetividade era o traço que unia todas essas experiências. O radialista era visto como alguém próximo, quase da família. Muitos eram convidados

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

para batizados, casamentos e velórios. Estavam presentes nas alegrias e nas perdas da comunidade.

Em tempos de crise ou catástrofe, os radialistas assumiam papel central. Orientavam evacuações em enchentes, promoviam campanhas de arrecadação, tranquilizavam a população com informações seguras. Sua autoridade vinha da confiança construída no dia a dia.

As histórias desses sujeitos se entrelaçam com a própria história da cidade. A memória oral dos radialistas ajuda a reconstruir o passado recente de Porto Nacional, revelando as tensões, os afetos e os desafios da comunicação em uma cidade amazônica em transformação.

Esses perfis formam um mosaico de vozes que ultrapassam a função técnica. São educadores, animadores, cronistas do cotidiano. Cada um, à sua maneira, ensinou a cidade a escutar, pensar e falar.

Resgatar essas narrativas é também resgatar a dignidade simbólica de quem construiu, com sua voz e dedicação, um legado comunicacional e afetivo que merece ser reconhecido como parte da história cultural de Porto Nacional.

CAPÍTULO 10 – ENTRE ONDAS E AFETOS: O RÁDIO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Pensar o rádio como patrimônio imaterial é reconhecer que nem tudo o que forma uma cidade está nos prédios, nos monumentos ou nas praças. Há bens que não se tocam, mas se sentem; que não se veem, mas se escutam. O rádio, em Porto Nacional, é um desses bens. Ele molda a memória coletiva, estrutura afetos cotidianos e sustenta um modo singular de viver e narrar a cidade.

O conceito de patrimônio imaterial, consagrado pela UNESCO e pelas políticas culturais brasileiras, inclui práticos, saberes, expressões orais, modos de fazer e tradições que dão sentido à vida social. Nesse horizonte, o rádio não é apenas um canal de informação: é prática cultural viva. Ele é, para Porto Nacional, tão patrimônio quanto a Catedral, o Coreto da Praça ou os casarões coloniais.

As ondas radiofônicas, invisíveis e intangíveis, carregam vozes que conectam bairros, religiosidades, gerações e histórias. A cidade inteira já parou para escutar um aviso importante no rádio. Milhares de vidas foram impactadas por uma mensagem lida, uma música tocada, uma voz familiar ecoando do aparelho na cozinha ou na sala.

O afeto é uma das dimensões mais evidentes desse patrimônio. O rádio é ouvido em silêncio, muitas vezes a sós, mas é vivido como encontro. As lembranças de quem ouvia rádio na infância, deitado em redes, estudando para a escola ou ouvindo o nome anunciado no aniversário, são marcas sensíveis que atravessam o tempo. O rádio habita a memória emocional.

Trata-se também de um patrimônio de saberes. Os radialistas, técnicos, operadores e ouvintes desenvolveram modos de fazer, de narrar e de se relacionar com o mundo sonoro. Esses saberes são transmitidos oralmente,

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

na prática, de geração em geração. Muitos jovens aprendem a editar áudio, controlar som, produzir entrevistas e criar roteiros no ambiente da rádio local.

A oralidade é a base desse patrimônio. O rádio preserva o modo como a cidade fala. Seus sotaques, suas gírias, suas expressões típicas, suas piadas e seus ditados. Tudo isso circula no espaço radiofônico como forma de manter viva a cultura linguística da região. É a língua da cidade em plena pulsação.

As programações religiosas, por exemplo, compõem um repertório de fé sonora que atravessa décadas. Terços rezados, novelas, cultos, mensagens bíblicas, louvores e orações são práticas recorrentes. O rádio acolhe o sagrado e o cotidiano na mesma frequência. É um espaço de espiritualidade popular e de devoção pública.

Há também um patrimônio musical que o rádio ajudou a constituir. As emissoras portuenses foram, por muito tempo, o principal canal de difusão da música regional, do sertanejo de raiz, das bandas locais, das cantigas de folclore e dos festivais escolares. Gravações feitas no estúdio da rádio transformaram compositores anônimos em artistas da cidade.

O rádio é também um acervo de sons históricos. Em muitas fitas cassete, discos de vinil e arquivos digitais guardam-se discursos de prefeitos, registros de eventos, entrevistas com anciãos, coberturas de festas tradicionais. Esses arquivos sonoros são documentos da história da cidade, fontes primárias de pesquisa e memória.

Valorizar o rádio como patrimônio é também lutar por sua preservação. Isso inclui a digitalização de arquivos antigos, a formação de acervos públicos, a criação de museus sonoros e a realização de exposições sobre a história do rádio local. É garantir que essa herança não se perca com a obsolescência dos suportes ou com o esquecimento institucional.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

As políticas públicas de cultura podem – e devem – incluir o rádio em seus projetos de valorização do patrimônio imaterial. O reconhecimento formal das rádios comunitárias como bens culturais é um passo importante. Mas é preciso ir além, investindo em memória, pesquisa e fortalecimento das práticas comunicativas populares.

A escola também tem papel central nesse processo. Ao trabalhar com alunos a história do rádio da cidade, os professores contribuem para que as novas gerações conheçam, respeitem e ampliem esse legado. Projetos pedagógicos que envolvam escuta, produção radiofônica e entrevistas com antigos locutores podem integrar o currículo escolar à cultura local.

O rádio em Porto Nacional também resiste às transformações tecnológicas. Mesmo com o avanço da internet, do streaming e das redes sociais, ele se reinventa. Muitas rádios migraram para o digital, criaram aplicativos, disponibilizaram transmissões online. Mas a essência continua: a palavra falada que acolhe, informa e emociona.

A escuta é um dos atos mais revolucionários de nosso tempo. Em meio ao excesso de imagens, ruídos e distrações, o rádio convida à escuta ativa. Ele exige atenção, entrega, imaginação. É um meio que permite silêncios, pausas, intervalos. Isso o torna profundamente humano.

O rádio, por sua natureza, também é democrático. A tecnologia necessária é simples, os custos são baixos, a linguagem é acessível. Em lugares aonde a internet não chega com qualidade, o rádio ainda é o principal veículo de informação. Ele rompe barreiras sociais e geográficas, mantendo-se como elo vital da comunicação pública.

O envolvimento das comunidades com o rádio é outro fator que o torna patrimônio. Os ouvintes não são passivos. Eles participam, opinam, contribuem, corrigem. Essa relação de reciprocidade torna o rádio um espaço horizontal, de partilha e construção coletiva.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

É preciso, portanto, reivindicar o rádio como parte do direito à memória e à comunicação. Garantir que suas vozes não se calem diante da indiferença. Defender seu lugar nas políticas culturais, nas universidades, nas escolas e nos lares. O rádio não é apenas técnica: é cultura viva.

Porto Nacional é uma cidade marcada pela sonoridade. Seus sinos, suas festas, suas cantorias e, sobretudo, seu rádio. O som da cidade é também o som de sua história, e essa história precisa ser protegida, contada e amplificada.

Mais do que um meio, o rádio é um modo de viver, de contar e de lembrar. Ele pulsa nas ondas do Tocantins como memória viva, afetiva e popular. Honrar esse legado é garantir que a cidade continue se escutando – com dignidade, com beleza e com sentido.

EPÍLOGO – QUANDO A CIDADE FALA, A MEMÓRIA RESPONDE

Ouvir o rádio é, em sua essência, um ato de escuta partilhada. Mais do que captar frequências sonoras, é permitir que vozes externas encontrem abrigo em nossas lembranças, rotinas e afetos. Em Porto Nacional, essa escuta moldou a cidade tanto quanto suas praças, escolas e igrejas. O rádio tornou-se espelho, testemunha e cronista de uma Porto que fala de si para si mesma.

Este livro nasceu da vontade de sintonizar o tempo. Tempo que pulsa nos registros esquecidos, nas vozes preservadas, nas programações improvisadas e nas memórias dos ouvintes fiéis. Cada capítulo foi uma tentativa de registrar, com delicadeza e rigor, o papel que o rádio desempenhou – e ainda desempenha – na construção do sentimento de pertencimento da cidade.

Mais do que uma narrativa histórica, esta obra é um gesto de devolução. Aos locutores que emprestaram sua voz para que outros pudessem se ouvir. Aos técnicos que operaram os bastidores invisíveis da comunicação. Aos ouvintes que, atentos e silenciosos, construíram com sua escuta a paisagem sonora da cidade. Aos jovens que hoje descobrem no microfone um canal de resistência e criação.

Se a história do rádio portuense começou com um pequeno transmissor, ela se espalhou como som em campo aberto. Ganhou ares de escola, púlpito, palanque, confessionário e sala de visitas. Cada programa transmitido foi um capítulo de uma crônica coletiva em construção. E cada silêncio entre uma fala e outra, uma pausa reverente diante da palavra do outro.

O rádio, ao contrário de muitos meios modernos, não exige imagem nem pressa. Ele é paciente. Ele espera o tempo da escuta, o tempo da memória, o

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

tempo do afeto. Essa característica o torna, paradoxalmente, um dos meios mais humanos e urgentes de nosso tempo. Em tempos de ruídos constantes, o rádio ainda nos ensina a ouvir.

Com o avanço das plataformas digitais, muitos previram o fim do rádio. Mas em Porto Nacional – e em tantos outros lugares –, ele segue vivo. Nas rádios comunitárias, nos aplicativos de celular, nas lembranças dos que nasceram antes da internet. Ele se adapta, se reinventa, mas não se cala. Porque onde houver uma cidade que queira falar, haverá um rádio pronto para escutá-la.

Ao olhar para trás e reconhecer os caminhos trilhados pelas emissoras locais, pelas rádios livres e pelos projetos escolares e religiosos, percebe-se que o rádio não apenas contou a história da cidade: ele ajudou a escrevê-la. E fez isso com palavras simples, vozes reais e uma escuta comprometida com a vida cotidiana.

Este livro é uma homenagem, mas também uma convocação. Que a história do rádio em Porto Nacional inspire novas gerações a valorizar a comunicação como prática comunitária, a memória como direito e a escuta como gesto político. Que mais microfones se abram. Que mais vozes se reconheçam. Que mais cidades se escutem.

Porque quando a cidade fala, a memória responde. E é nesse encontro – entre ondas e afetos – que se revela o que temos de mais profundo: nossa humanidade compartilhada.

REFERÊNCIAS

ABERT. Estudo revela que 8 em cada 10 brasileiros ouviram rádio no último mês. Disponível em: <https://www.abert.org.br>. Acesso em: 29 mar. 2023.

AGÊNCIA BRASIL. Cem anos do rádio no Brasil: o Sistema de Radiodifusão Educativa. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em: 23 fev. 2023.

AGERT. O que é uma rádio educativa? Disponível em: <https://www.agert.org.br>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ALBERTI, Verena. História oral: a escuta sensível. 3. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2004.

ALMEIDA, M. de. História do rádio no Brasil. São Paulo: XYZ Editora, 2005.

BARROS, R. Memórias sonoras: o rádio em Porto Nacional. Porto Nacional: Edições Tocantins, 2021.

BAZIN, G. Patrimônio cultural: definição, história e políticas. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CALABRE, Lia. Radionovelas e a formação da indústria cultural no Brasil. Revista Comunicação e Cultura, 2004.

CRUZ, Heloísa de Faria. História oral e memória: entre a prática e a teoria. In: Encontro Nacional de História Oral, 2005.

FERRETO, Luiz Artur. História do rádio brasileiro. Porto Alegre: Sulina, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A entrevista na pesquisa social. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Ana. Ensino de História e cultura midiática. São Paulo: Autêntica, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Edmilson Ferreira. Tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás (1950-1964). 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2006.

MELIANI, Marisa. Rádios livres: o outro lado da voz do Brasil. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

PASSETI, Edson. A política no ar: rádios livres e estatização. In: IV Congresso Estadual dos Sociólogos do Estado de São Paulo, São Paulo, 1987.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Jocyleia Santana dos. A sedução da imagem: a televisão no limiar do Tocantins. Palmas: EDUFT, 2015.

SOUZA, M. A. H. de. Sintonizando o rádio em Porto Nacional (1968-2002). 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

SOUZA, Sandra Sueli Garcia de. Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997.

TAVARES, Reynaldo C. Histórias que o rádio não contou. São Paulo: Harbra, 1999.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

APÊNDICE

Cronologia do rádio em Porto Nacional (1968-2002)

- 1968 – Fundação da Rádio Difusora do Tocantins, primeira emissora não oficial da cidade.
- 1970 – Interrupção das atividades da Rádio Difusora após repressão do regime militar.
- 1987 – Criação da Rádio Atividade FM, considerada a primeira rádio livre da cidade.
- 1987-1988 – Proliferação das rádios livres: Cassete FM, Transamérica FM, Cidade FM, Mirragem FM.
- 1988 – Inauguração da Rádio Anhanguera AM, primeira emissora com concessão oficial.
- 1990 – Expansão das rádios com a chegada da Araguaia FM e Rádio Tocantins.
- 1998 – Fundação da Rádio Porto Real FM, com perfil comunitário e religioso.
- 2002 – Consolidação da radiodifusão legalizada com pluralidade de programas e locutores.

Lista de programas, locutores e emissoras mapeados

Principais Programas:

- Manhã Sertaneja
- Momento de Fé
- O Povo Fala
- Fé e Vida
- Porto Notícias
- Sábado Show

Locutores destacados:

- Raildo Barros
- Arnaldo Bahia

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)

- Wesley Rocha
- Maria de Lourdes
- Nilvane Ribeiro
- João Batista Rodrigues

Emissoras mapeadas:

- Rádio Difusora do Tocantins
- Rádio Atividade FM
- Rádio Anhanguera AM
- Araguaia FM
- Imperial FM
- Rádio Tocantins AM
- Porto Real FM

Caderno de imagens

1 – Antônio Poincaré de Andrade, prefeito de 1973 a 1977, fundador da primeira emissora de rádio em Porto Nacional, no ano de 1968.



Fonte: Prefeitura de Porto Nacional (2022)

2 – Dinoráh José Andrade Costa e Otoniel Andrade Costa: Rádio Difusora do Tocantins e Rádio Tocantins (antiga Anhanguera AM).

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Arquivo pessoal família Andrade

3 – Época de expansão do rádio em Porto Nacional: Rádio Anhanguera AM.



Na imagem: Raildo Barros, Genilton Silva Sales, Indiana Coimbra, Frank Ney de Oliveira e Wesley Rocha, ex-locutores das rádios livres contratados pela Rádio Anhanguera AM.

Fonte: Arquivo pessoal Wesley Rocha (1988).4- Deputado Federal Siqueira Campos, ao centro: proprietário da concessão Rádio Siqueira Campos em Porto Nacional no ano de 1985

4 – Deputado Federal Siqueira Campos (ao centro), proprietário da concessão da Rádio Siqueira Campos em Porto Nacional, no ano de 1985.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA: O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Conexão (1985)

5 – José Pereira de Macedo, diretor do Sistema de Rádio OJC em Porto Nacional (Rádios Anhanguera AM e Araguaia FM), palestrando no evento I EnCom



Fonte: Porto Nacional (2020)

6 – Adesivo publicitário do programa “Bom Dia Alegria”, da Rádio Anhanguera AM.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo pessoal Wesley Rocha (1992)

7 – I Gincana Estudantil “Escola x Escola”, com Wesley Rocha e Jô Cristina – Rádio Anhanguera AM.



Fonte: Acervo pessoal Joelma Cristina. Ano:1989

8 – Locutora e jornalista Karlla Mello acompanhando a cobertura da visita do governador Siqueira Campos, na comitiva de imprensa.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Arquivo pessoal Karlla Mello (S/D)

9 – Momento de descontração entre os locutores de esportes da Rádio Tocantins AM: Luís Carlos Lula (repórter de campo), DJ Marcione Muniz (operador de áudio), Wesley Rocha (repórter de campo) e Odair Fonseca (narrador esportivo).



Fonte: Acervo pessoal Wesley Rocha (1992)

10 – Edição do “Show dos Bairros”, com Karlla Mello e Arnaldo Bahia.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo pessoal José Macedo (1990)

11 – Edição do “Show dos Bairros” na Praça do Centenário, em Porto Nacional.



Fonte: Acervo pessoal José Macedo (1990)

12 – Locutor Arnaldo Bahia apresentando uma das edições do “Show dos Bairros” – Rádio Anhanguera AM.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Arquivo pessoal Arnaldo Pereira Logrado (1989)

13 – Locutores Jô Cristina e Wesley Rocha no I Show dos Bairros, após a transição da Rádio Anhanguera para Tocantins AM.



Fonte: Arquivo pessoal Wesley Rocha (1993)

14 – Manchete do jornal O Paralelo com reportagem sobre locutores do rádio portuense.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Destaque para a dupla Arnaldo Bahia (locutor) e Edson Rodrigues (repórter), que fizeram sucesso em 1988 apresentando o Noticiário do Tocantins.

Fonte: Arquivo pessoal Arnaldo Pereira Logrado (1988)

15 – Locutora Karlla Mello nos estúdios da Rádio Tocantins AM.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo pessoal (1995)

16 – Prédio da Rádio Araguaia FM de Porto Nacional. No mesmo prédio funcionava a gerência do Jornal do Tocantins.



Fonte: Acervo Rádio Araguaia FM (1994)

17 – Inauguração da Rádio Araguaia FM, com a presença de “Peninha”, diretor artístico das OJC, em 04 de outubro de 1991.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo Rádio Araguaia FM (1991)

18 – DJ Marcione comandando um dos programas de grande sucesso da Rádio Araguaia FM.



Fonte: Acervo Rádio Araguaia FM. Ano:1992

19 – Unidade móvel da Araguaia FM na antiga Ilha de Porto Real, em Porto Nacional-TO. À direita: locutor Wilson Veras.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo Rádio Araguaia Verão FM (1994).

20 – Locutores da Rádio Araguaia FM: da esquerda para a direita, DJ Marcione e Wesley Rocha, na transmissão do Araguaia Verão.



Fonte: Acervo pessoal Wesley Rocha. Ano: 1997

21 – Estúdio de transmissão da Rádio Araguaia FM na Ilha de Porto Real.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo Rádio Araguaia FM (1998)

22 – Estúdio da Rádio Imperial FM – Programa Alto Astral, apresentado por Jô Cristina.



Fonte: Acervo pessoal (1991)

23 – Estúdio da Rádio Imperial FM – Programa By Night.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Acervo pessoal Samuel Lacerda (1992)

24 – Sede da Rádio Porto Real FM.



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

25 – Mesa de operação de áudio da Rádio Porto Real FM. À mesa: Elvanir Matos Gomes, locutora e atual presidente da Associação Padre Luso.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

26 – Locutores Alessandro Lima (Xandão, “Coração de Leão”) e a jornalista Karlla Mello nos estúdios da Rádio Porto Real FM.



Fonte: Arquivo pessoal Karla Melo (2023)

27 – Símbolo comercial da Rádio Araguaia FM.

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Fonte: Arquivo Rádio Araguaia FM

28 – Mesa de operação de áudio e locução da Rádio Araguaia FM.



Fonte: Arquivo privado José de Macedo.

29 - Fachada de entrada da Rádio Comunitária Porto Real FM

FREQUÊNCIAS DE MEMÓRIA:
O RÁDIO E A CIDADE DE PORTO NACIONAL (1968-2002)



Autor Marcelo Alessandro em frente a Rádio
Fonte: Arquivo pessoal (2003)

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Alessandro Honorato de Souza

Mestrando em Educação pelo PPGE/UFT, desenvolve pesquisa sobre a história do rádio em Porto Nacional (1968-2002), vinculado à linha Estado, Sociedade e Práticas Educativas. É membro de grupos de pesquisa na UFT e na Intercom, com foco em história da educação, mídia e tecnologia. Licenciado em Pedagogia (FASAMAR, 2012), cursa segunda licenciatura em História (Estácio, 2022) e possui diversas pós-graduações em áreas como Psicopedagogia, Gestão Educacional e EAD. Tem experiência docente nos níveis fundamental, médio, superior e em programas institucionais. Atua como pesquisador, tutor, orientador de estágio e coordenador de projetos pedagógicos e de extensão. Também trabalha com rádio e TV como produtor, locutor e apresentador (DRT 0001551/TO).

Jocyléia Santana Dos Santos

Pós-doutora em Educação (UEPA), doutora e mestre em História (UFPE), é Professora Associada IV da UFT. Coordena o PPGE/UFT, o Polo Tocantins do Doutorado em Educação na Amazônia (EDUCANORTE/PGDEA) e o Procad/Amazônia na UFT. Atua como pesquisadora no Procad (UEPA, UFRN e UFT) e em redes nacionais de pesquisa, como a Rides. É sócia da Anped (GT-2), da ABHO e da SBHE, além de avaliadora de revistas científicas. Lidera o grupo de pesquisa História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação (CNPq/2004). Possui ampla experiência em gestão acadêmica e atua nas áreas de Educação, História da Educação, Ensino, História Oral, Memória e Cultura Escolar.

